ANO 2.° LISBOA--SEGUNDA-FEIRA, 5 DE MARÇO DE 1923 N.° 585

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

INAUGUROU-SE o Congresso da Imprensa Latina. A primeira sessão, sintetisando o espirito do Congresso, elevou a ideia do panlatinismo, que ali reuniu jornalistas brilhantes de todos os países da latinidade.

O secretario geral do Congresso, referindo-se ás cidades da latinidade que procuram directrizes comuns, citou Lisboa a par de Madrid, Bruxelas, Lion, Milão, Bucareste ou Buenos Aires. Não é favor. Mas qual de nós que fazemos e vimos jornalismo, não tem constatado a ausencia dos nomes portugueses, e até da indicação de Portugal, em congressos, sessões publicas, referencias politicas e sociais, que tinham obrigação de não nos esquecer?

A iniciativa portuguesa deste congresso, as atenções de que os portugueses têm sido alvo, a representação do Brasil no dr. Augusto de Castro, a proposta de ser Lisboa o local para reunião do segundo congresso, e a evocação dos nossos herois a par dos herois do genio latino, constituem para nós portugueses, particularmente, um beneficio imediato deste Congresso.

* * *

PARTIU hoje, no *Sud-Express*, para Paris, o nosso querido amigo sr. Antonio Vieira Pinto.

* * *

FOI vibrante a primeira sessão de propaganda do grupo intelectual que subscreveu o «Apêlo á Nação».

Alguns trechos:

—O Douro fronteiriço, que há pouco andou pelos jornais depois da entrevista do rei de Espanha, pelo que a nós interessa em obras, será um valor apenas potencial por largo futuro. Não nos será necessario tão cedo. (Ezequiel de Campos).

—E' necessario que o Estado português deixe de ser uma republica plutocratica, procurando fazer na nossa sociedade uma politica de verdadeira e criadora democratização. Não basta apregoar a ordem, é necessario obtê-la pela justiça. (Dr. Jaime Cortezão).

—O tipo mais numeroso de ensino medio deve ser a «escola de continuação» e não o «liceu». Os estudantes menos aptos para os estudos superiores passarão para as «escolas de continuação»; os mais aptos destas escolas para o «liceu». O Liceu em vez de ser o tipo mais comum deve ser o excepcional. (Dr. Antonio Sergio).

* * *

CLARINHA, o nome gentil das letras femininas, intensifica desde hoje a sua colaboração no *Diario de Lisboa*. Os leitores encontrarão no «Diario de Clarinha» a mesma prosa elegante, desenfadada, levemente maliciosa, tocada de um fiosinho de sentimento, que animou as «Cartas á prima». O seu eterno feminismo, salutar e futil, complicado e gracioso, tanta vez arredio da prosa das Senhoras, ficará tendo na nossa terceira pagina um justo logar de honra.

* * *

A' SESSÃO de propaganda do *Apelo á Nação* assistiram muito poucos politicos. Pode mesmo dizer-se que não assistiram politicos. Vimos os srs. Leote do Rego e Lopes Cardoso. A massa da assistencia era constituida por professores, estudantes e alguns militares. A um canto, quasi escondido, o sr. Gago Coutinho.

* * *

O SR. dr. Trindade Coelho está substituindo o sr. dr. Nuno Simões na direcção do nosso prezado colega *A Patria*.

PESSIMISMO

Portugal está atravessando uma crise egual á crise de todos os paises. Essa crise só varía de fórma e aspecto, como o céu varía, varía a sombra das montanhas, a côr do sol, o caracter das gentes, a graça das mulheres.

Em Portugal ha quem, por doença em grau de incurabilidade, se dê a exagerar todas as crises, esquecendo-se de que a Nação—atacada de males transitorios que descoloram a flôr e poupam a raiz—segue no giro politico e social a orbita inevitavel que a guerra impôs a todos os Estados vivos de energia.

Daí o pessimismo.

Daí uma lamentação constante de desgraça, de miseria, de imoralidade, de perdição.

Só os fortes espiritos, quietos na luz socegada do seu retiro e norteados por uma segura visão, constatam, sim, os males da Patria, a inconsciencia colectiva que se fez, mas resistem á onda de pessimismo tragico, que caíu como uma praga sobre a inteligencia de pessoas fadadas para orientar. Resistem e confiam.

A verdade é que Portugal nunca precisou de tanta fé! Nunca teve necessidade de tanta elevação. Nunca houve mister de tanta prudencia cautelosa nas afirmações que se atiram para o publico.

Acabamos de reler, socegados, ponderadamente, o manifesto «Apelo á Nação».

O pessimismo ali é um veu. Confrange. Felizmente que ainda ficam algumas pessoas para gritar á Nação: «Sim; refoemrmos. Trabalhemos. Façamos de novo, sim! Mas não nos embrenhemos em sombras. Portugal está longe de ser uma ruína».

Julgamos, para este caso especial como para todos, que o pessimismo de alguns homens, aliás superiores, mas entristecidos de idade, ou de conceitos falsos, é prejudicial ao país.

Não forcemos a nota tragica. Para acordar o arraial que dorme um clarim de alvorada é preferivel a um dobre de finados. Cantemos em vez de prantear. Elevemos hinos, em vez de arrastar elegias.—*A.*

Economia domestica

—Estás em nossa casa ha tantos anos, é justo que te tratemos como familia. Do mês que vem em diante deixas de ter ordenado...

O SR. dr. Bernardino Machado, homem publico cuja acção hoje não sai dos limites amplos do pensamento e da doutrinação, publicou mais um manifesto. Intitula-se: «Depois do Monsanto—Balanço politico e financeiro. Esquérda e direita». E' um documento pesado, compacto, fechado no que respeita á forma. Um documento muito claro, aberto a todas as controversias, discutivel no que respeita á essencia.

Quando tantos homens do alto dos seus «fauteuils», ou da eminencia dos seus lugares publicos, servem o país, em silencio, fechados numa politica muda que tanto pode significar trabalho metodico como passividade comoda e feliz—o dr. Bernardino Machado, do seu gabinete da rua das Taipas ou da sua varanda da Cruz Quebrada, dita manifestos. Uns ouvi-lo-hão indiferentes; outros encolherão os ombros, sceticos ás suas declamações. Haverá ainda os que riem dele. Possivelmente, porém, meia duzia de pessoas lerão atentas a sua prosa, na qual, num mal disfarçado despeito por uma hora de desgraça politica, passam contudo as reflexões de um homem experimentado nos negocios publicos e nos desaires. E quando seis pessoas lêm uma proclamação, ainda que cinco á não entendessem, uma ficava para que a sua materia se não tivesse perdido de todo.

* * *

O *Diario de Lisboa* tem tratado varias vezes da situação dos legionarios portuguesès em Marrocos. Não se julgue que queremos irritar uma questão, que certamente o Ministerio dos Estrangeiros terá carinhosamente tratado. Muito menos sermos desagradaveis á Espanha. Mas as cartas, elementos de informação e documentos a este respeito são constantes. Um trecho:

«A Espanha, que tão mal nos paga, poz os estrangeiros nas primeiras linhas, sendo publicado, na Gazeta Oficial, que os mutilados ou estropiados estrangeiros não têm direito a subvenção seja em que caso fôr. (Depois alusão a maus tratos que omitimos). Estamos sugeitos a desnacionalizarmo-nos. E a Inglaterra e os Estados Unidos logo protestaram, mostrando assim que amam seus filhos. E nós? Nunca ouvimos aqui falar do nosso governo». Assina: Manuel da Silva Laranjeira, 5.ª bandeira, 18 companhia. Ceuta».

* * *

O SR. Rocha Martins publica novo numero de «Os Fantoches». Sumario: «O despojo de D. Afonso», «O encarcerado Antonio Maria da Praça», «Quem é o chefe revolucionario de ámanhã». Do primeiro artigo, cortamos, por curioso:

«A republica exilou os reis, mas foi correcta com eles; baniu-os mas não os expulsou; não sequestrou bens, nem negou objectos de uso real. Dizem que receou reclamações inglesas. E' falso. A Inglaterra é cumplice do regime que ajudou a fundar, como se encarapuçasse um Cromwell no sr. Teofilo Braga... A Republica não deve deixar sair de Lisboa nem uma dessas, recordações do principe...».

* * *

NA sessão de ontem, de propaganda dos pontos de vista inscritos no *Apêlo á Nação* a unica passagem dos discursos que foi aplaudida, interrompido o orador, foi a do sr. Ezequiel de Campos, que diz assim: «os emprestimos e os impostos somam-se na voragem dos desperdicios publicos...»

* * *

PUBLICAMOS amanhã a noticia critica da exposição do pintor Eduardo Viana, e que constitue um exito de arte moderna.

Os concertos

Fão e Varela Cid

Não quiz construir Varela Cid, pelo menos definitivamente, no super-civilizado Paris, para onde ha bons seis anos o seu talento o atirou, aquele fantastico castelo da «Gran-ventura» que antes de regressar á serra tão fortemeute prendeu ao infernal «can-can», da grande cidade aquele «Jacinto» imortalizado pelo genio fulgurante de Eça. Não deixou nunca embotar Varela Cid nestes seis anos de separação a sua filial ternura por este pais onde o ceu é mais azul e onde a poesia do entardecer tem mais encantos do que em qualquer outro, e ei-lo que, como filho carinhoso, ele chega neste momento ao seio da sua terra trasendo-lhe como tributo de amor as primicias do seu talento excepcional.

Varela Cid honra sobremaneira o pais que lhe foi berço. Esse talento a cujo desabrochar, como sua camarada de escola, eu assisti de perto, anunciando-se já aqui antes da sua partida em multiplas provas, tem nos diferentes concertos por ele lá fora realizados, justificado todos os vaticinios dos seus antigos admiradores. A sua aparição, porem, de ontem entre nós teve quasi o caracter de uma revelação. A sua tecnica, e não só a sua tecnica, a sua musicalidade, no geral, tem avançado imenso sendo um ensejo para os que ouviram constatar a claresa, a precisão no ataque, o equilibrio ritmico, o inteligente jogo de pedais e o admiravel instinto de sonoridade por ele ontem revelades em toda a execução do dificil 4.º concerto de Saint-Säens. Dificilmente se desvanecerá a impressão consagrada pelos seus magnificos «Allegros» — pois foi nos andamentos vivos que mais se evidenciaram as qualidades que atrás enumero — nos quais Varela Cid teve acentos de força e de masculo dominio que a todos maravilharam. Entusiasticamente aplaudido e insistentemente chamado o joven e já ilustre artista, tocou ainda fóra do programa, com um colorido, uma emoção e um brilhantismo extraordinaoios um «Nocturno» postumo de Chopin, o «Chateau mauresque» de Chavarry e umaa «Sonata» de Sacarlatti.

O maestro Fão teve largo quinhão no brilho desta tarde de arte, condusindo admiravelmente a orquestra como acompanhamento do concerto de Saint-Saens e dando um excepcional relevo á execução da admiravel «Gwendoline» de Chabrier, ás dificeis «Danças Slavas» de Dvorak dadas em primeira audição e cujo interpretação foi notavel sol multiplos pontos de vista e ao «Capricho Italiano» de Tschaikowsky, sendo ainda para destacar um encantador «Menueto» do joven compositor Sampaio Ribeiro, onde se revela um instinto de sonoridades modernas e um bom conhecimento de efeitos de timbres que muito honram o seu autor, bem como as «Scenas Alsacianas» de Massenet, já muito conhecidas mas sempre recebidas com o mesmo agrado, o que se justifica em absoluto somente pelo encantamento, a fascinação que sobre todos nós exerce o violoncelo divino de João Passos que no romantico dueto de «Sob as tilias» arrebatou como sempre a assistencia, de colaboração com o clarinete sr. Eusebio de Carvalho, sendo este numero bisado no meio dos mais calorosos aplausos.

Oliva Guerra

Blanch

Teve ontem mais uma consagração a grande artista que é Melle. Antoinette Aussenac. Depois da sua brilhantissima «tournée» á America do Sul de colaboração com o grande Viana da Mota, não se fizera ainda ouvir em Lisboa e por isso o publico, que tem nela umas das suas artistas mais queridas, acorreu em massa ao teatro S. Luiz, onde teve ocasião de admirar a requintada emoção, a prodigiosa leveza, a segura tecnica e o brilhantismo de interpretação por esta ilustre artista dados ao 4.º concerto de Saint-Saens, que tocou com prodigiosa perfeição, tendo sido, em face dos mais insistentes aplausos, obrigada a tocar ainda, fora de programa, um estudo de Chopin e outro da colecção de Paganini-Lisat.

A orquestra, dirigida por Pedro Blanch, tocou só á sua parte, e muito bem, a «Euryanthe», de Weber, a transcrição do «Preludio, coral e fuga», de Bach, a rapsodia de Lalo e a marcha comemorativa de Wagner, que tiveram um extraordinario exito, sendo o maestro Blanch largamente aplaudido.

Inquilinato comercial

A questão da Companhia de Seguros União dos Proprietarios com a firma Eduardo Martins & Companhia, Limitada

TENDO-NOS CONSTADO que têm aparecido no Tribunal da Relação de Lisboa uns bilhetes postais anonimos, em que são vizados e enxovalhados alguns dos srs. Juizes daquele Tribunal, que intervieram nos julgamentos do despejo decretado contra a nossa firma, e sabendo que, antes daqueles julgamentos, quem quer que fosse, nos intrigou vil e caluniosamente perante os srs. Juizes do mesmo Tribunal, a ponto de os indispôr contra nós, criando-nos, sem que então o soubessemos, uma atmosfera de más vontades e malquerenças, que se refletiram, depois, nas decisões contra nós proferidas, vimos declarar, pela honra da nossa firma e pela honra pessoal de todos e cada um dos seus socios:

1.º — Que nada temos com quem quer que seja que use do anonimato para visar ou enxovalhar qualquer dos srs. Juizes do Tribunal da Relação ou de outro qualquer Tribunal, pois por todos sabemos manter, e sempre temos mantido, o respeito devido ás suas pessoas e ás funções, sem embargo do direito que temos e de que usaremos de, pelos meios legais competentes, nos defendermos das decisões menos justas e menos legais que contra nós se teem proferido;

2.º — Que só inimigos nossos, ou interessados na injusta causa que a Companhia União dos Proprietarios contra nós pleiteia, pódem ter interesse em, neste momento, manter contra nós a mesma atmosfera de más vontades e malquerenças que, antes dos julgamentos e para fins inconfessaveis, contra nós acintosamente se criou;

3.º — Que lavrando, por esta forma, o nosso publico e veemente protesto contra semelhantes processos de ataque, esperamos que se não dê ouvidos aos caluniadores intriguistas que, acaso, procurem continuar a malquistar-nos para com os Tribunais e para com o publico em geral.

Lisboa, 3 de março de 1923.

Eduardo Martins & C.ª Limitada

UM EXEMPLO A SEGUIR

O problema da instrução na Holanda

e como ele devia ser encarado em Portugal

Vamos hoje passar uma pequena revista sôbre o que se passa na Holanda com os seus factores de potencia material, sabiamente orientados para ser atingido um proveitoso desenvolvimento das fôrças economicas daquele belo país.

Chega-nos, muito a proposito, a estatistica publicada pelo municipio de Amsterdam, que é uma publicação bem cuidada, fornecendo elementos valiosos.

Nessa cidade, como em todas as outras da Holanda, dedica-se uma disvelada e intensa atenção ao ensino elementar e primario, sendo por isso que esta parte fundamental da instrução publica do municipio tinha, em novembro ultimo, uma população escolar de 74:914 crianças de ambos os sexos, com a divisão seguinte: escolas elementares 7:360 alunos, escolas de ensino primario 65:123 e escolas de ensino primario superior 2:431.

Por esta amostra se explica o facto, muito apreciavel, de antes da guerra só haver 14 iletrados por cada 1:000 recrutas incorporados no exercito activo da Holanda.

Serviços complementares da instrução

Em Amsterdam ha um serviço de distribuição de alimentos á população escolar, a cargo do municipio, que desde 1 de janeiro até 2 de dezembro do ano passado forneceu 753:398 rações.

Convem lembrar que nosso país, para praticamente se conseguir a generalização do ensino primario, principalmente nas povoações rurais, conviria que o governo e os municipios se entendessem por forma a estabelecer a alimentação gratuita nas escolas para os alunos filhos de pais pobres, tanto mais que entre a residencia destes e as mesmas escolas, em grande parte dos casos, vão distancias enormes.

A despeza resultante seria largamente compensada com os beneficos resultados que o país auferia em ter os seus filhos instruidos, por forma a conscientemente dedicarem-se a um trabalho bem orientado.

Se a este processo se juntasse a publicação e divulgação de pequenas revistas ou monografias sobre a tecnica elementar das industrias agricolas e manufactureiras, teriamos em curto tempo, uma geração apta para um trabalho bastante orientado e produtivo.

Só assim se combate a nefasta rotina, que é um dos nossos grandes males, principalmente nas vilas e aldeias.

Nós ainda andamos muito atrazados, principalmente em materia administrativa, por não se ter cuidado da formação de organismos adequados que satisfaçam aos encargos que pesam sôbre o Estado, obrigatoriamente desempenhados pelo seu governo.

Assim, por exemplo, vê-se que no departamento municipal de Amsterdam ha um organismo consulter para a escolha de uma carreira, que nos primeiros onze mezes do ano passado recebeu 10:744 pedidos de consulta.

Junto a esse organismo ha uma secção de colocações, que, no periodo, recebeu 4:154 pedidos de emprego, dos quais 2:082 foram imediatamente satisfeitos, sendo 1:513 para rapazes e 569 para raparigas.

Por isto facilmente se ajuisará como os serviços municipais na Holanda, destinados a complemento pratico do ensino primario, se acham montados com uma excelente e exemplar articulação, servindo de forte estimulo aos estudantes pela assistencia de que são alvo.

Efeitos na potencia material do país

Convem notar que antes da guerra a Holanda tinha 152 escolas por cada 1:000 alunos, emquanto que em Portugal a relação era apenas de 56.

Toda a gente sabe que da generalização da instrução de um povo derivam elementos muito apreciaveis para o progresso da sua potencia material e moral.

As estatisticas provam, por um modo iniludivel, esta grande verdade.

Nós, porém, fazemos geralmente «vista grossa a este indice que se denomina estatistica, desconhecendo geralmente o alto valor pratico com que ela é olhada nos outros países.

Tem Portugal 92:157 quilometros quadrados e a Holanda apenas 32:536.

Se a ambos os países adicionarmos os respectivos dominios coloniais, ainda cabe a Portugal a superioridade de extensão, pois as colonias portuguesas possuem uma superficie de 2.800.000 quilometros quadrados e as holandesas 2.000.000.

Pois, apesar de tudo isto, a Holanda exportava antes da guerra mais de 5.000 milhões de francos (900.000 contos ao par) do que Portugal, o que dava para o nosso país 32 francos por habitante e para a Holanda 861, devendo ainda notar-se que a população holandesa era ao tempo superior á portuguesa.

O que prova isto?

Que entre outras coisas bem conhecidas, impossiveis de lembrar no limitado espaço de um ligeiro artigo, ha uma muito sensivel—a insuficiente difusão do ensino primario no nosso país, como o certifica a elevada percentagem de iletrados que possue.

Deste lamentavel facto resulta que uma importante parte da população portuguesa não pode fazer valer, em proveito proprio e consequentemente no do país, as faculdades e aptidões existentes no estado latente, que só pela instrução poderiam ser transformadas em forças economicas conscientes e progressivas.

E' com a instrução que todos os países criam os seus alicerces no capitulo de progressos materiais e morais, como nós muito bem sabemos mas esquecemos na pratica da vida.

Por agora, já que começámos por referir-nos á Holanda, limitar-nos-hemos a uma ligeira analise demonstrativa dos progressos registados por esse país nos ultimos tempos.

Depois da grande guerra, mercê de bem estabelecido consorcio entre o governo holandês e a iniciativa privada, o principal objectivo passou a ser o de reduzir a importação do estrangeiro, em parte sensivel, por meio da produção nacional.

Aqui está um sensato exemplo para os nossos governantes.

* * *

A cooperação governamental directa verifica-se no sistema de participação financeira em certas industrias, como ha um belo exemplo na construção de altos fornos e fabricação de aços, em que o governo holandês subscreveu com a quarta parte do capital da empresa.

Nos meios indirectos regista-se o desenvolvimento das vias de comunicação, de que apenas citaremos a construção de novos canais, para a navegação de barcos de 600 a 2.000 toneladas, e a execução de um plano geral de distribuição de força electrica de alta tensão em todo o territorio halandês.

Como variante, ha ainda o sistema misto, que simultaneamente participa dos dois que acabamos de citar, confiado a um organismo de expansão economica, o qual estuda, dá corpo e desenvolve as iniciativas.

Como exemplo deste ultimo sistema pode citar-se o caso das minas carboniferas do Limburgo, pois estas, que em 1913, forneciam 1.300.000 toneladas de combustivel, já em 1917 davam mais de 3 milhões de toneladas.

A exploração das linhites, que ainda há poucos anos estavam quasi abandonadas, passou a constituir uma exploração regular e remuneradora de capitais, devido á utilização dos mais modernos processos.

Tambem os produtos condensaveis da hulha, que são obtidos simultaneamente com o gaz de iluminação — aguas amoniacais, benzina, oleos lubrificantes e alcatrões — passaram a constituir uma industrialização.

Aqui têm os nossos governos, neste ligeiro esboço, um eficaz exemplo do que é hoje a orientação administrativa dos seus colegas de outros paises, como unico remedio eficaz, em certeiro combate, á desorganização economica que a grande guerra trouxe a todos os povos.

País que não enveredar por este caminho, por maior que seja o seu dominio territorial, afundar-se-há dentro de pouco tempo.

Na valorização das riquesas naturais, por meio de um intenso e orientado esforço, está a salvação de um país.

A. Edmond Santos

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras

D. Albertina Vilas Boas e Alvim, D. Carlota José de Mendoça Cirne, D. Aurora de Macedo, D. Alda Santos Fontes Pereira de Melo, D. Henriqueta Alves de Carvalho Simões Ferreira, D. Maria do Ceu de Liz Teixeira de Mendonça, D. Maria Joaquina Correia de Sampaio Ferreira Roquete, D. Maria do Resgate da Cunha Pignateli e D. Alice de Noronha de Andrade Leote.

E os senhores:

D. Antonio Martens Ferrão Gomes da Mata (Penafiel) Luis de Vasconcelos Porto, dr. Mario Tavares de Carvalho, Joao Paulo de Melo Sampaio Mexia, Eduardo de Serpa Pimentel Ferreira e o menino Jaime Pedroso da Costa.

Casamentos

Foi pedida em casamento para o sr. Alfredo dos Santos Monteiro, a senhora D. Rosa Lucas dos Santos, gentil filha do sr. Antonio Lucas dos Santos.

Diplomatas

Encontra-se retido em casa, com um ligeiro ataque de «grippe» o sr. D. Luis de Miranda, ministro de Cuba, em Portugal.

Concertos elegantes

No S. Luis

Assistencia elegante ao concerto de ontem:

Condessas de Mangualde e filha, de Mafra e de Farrobo, viscondessa de Alvelos, D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, D. Maria de Lourdes Tito de Vasconcelos Thompson, D. Maria Guedes de Almeida Coutinho e filha; D. Maria Teresa Belford de Cerqueira e filha; D. Julia Gomes de Miranda e filhas; D. Maria Emilia de Macieira Lino, D. Maria de Mascarenhas Calheiros de Noronha Azevedo, D. Deolinda da Fonseca, D. Eulalia da Costa Neves, D. Elvira de Macedo Dias Egas Moniz e sobrinha; D. Arminda Machado Rangel dos Santos, D. Alice Felix da Costa Monteiro, D. Vera de Bettencourt Olavo, D. Ernestina Soares de Albergaria Olavo, D. Ana Ahrens de Novais e filhas; D. Palmira Lucas Torres, D. Georgina de Mendonça e sobrinha; D. Aida Moura, D. Aida Mourão Aires de Magalhães, D. Alice de Moura Viana, D. Palmira de Navarro Viana Bastos e filha; D. Maria Amelia Lucas Torres de Farinha, madame Maury, D. Mary Maury de Mendoça (Sabugosa), D. Carolina Serzedelo, D. Maria de Bruno Heredia, D. Maria Teresa Scarnichia, D. Matilde Pereira Caldas de Vasconcelos e filhas; D. Albertina de Macedo Dias Macieira e filhas; D. Maria Antonia Tedeschi Placido de Melo Breyner (Mafra), D. Eugenia de Melo e Castro de Barros (Alvelos), D. Judite Pereira Caldas Correia de Lacerda, D. Maria Maxima Arriaga de Melo Tavares e filhas; D. Flora Bastos do Amaral e filhas; D. Arselina Moreira dos Santos, D. Arselina Moreira dos Santos de Medeiros, D. Albertina Gomes Neto, madame Mauricio Costa, D. Maria Monteiro Leitão, D. Raquel Anahory Pinto, D. Ana Cabral da Silva e filhas; D. Eduarda Nunes de Carvalho e filhas; D. Corina Dantas de Carvalho Megre, D. Maria Jacinta Teixeira Bastos Neves Pereira, D. Raquel Vieira de Matos e filha; D. Natalia Diogo da Silva dos Reis Torgal, D. Maria de Carvalho Ferreira, D. Cristina Teixeira de Azevedo, D. Maria Teles, D. Pilar de Oliveira e filhas; D. Hebe de Neto e Pereira Serzedelo Ribeiro Ferreira, mademoiselle Costa e Silva, etc., etc.

A caridade

Recita de amadores

E' cada vez maior o entusiasmo que está despertando no nosso meio mundano a elegantissima recita de caridade que nos primeiros dias do proximo mês de Abril se realizará em um dos nossos primeiros teatros levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa aristocracia cuja nota daremos ámanhã e na qual se representará, segundo nos consta, além da engraçada comedia do saudoso comediografo Gervasio Lobato «Sua Excelencia», cujos ensaios começam depois de ámanhã, quarta-feira, no teatro de S. Luís, sob a direcção da ilustre actriz D Lucinda Simões, uma opereta em um acto os varios coros e alguns trechos de opera.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa sociedade elegante dará «rendez-vous» ámanhã de tarde nas tradicionais «matinées» do Salão Foz, Chiado Terrasse e Cinema Condes, e á noite na «soirée» da moda do Chiado Terrasse.

BANCO COMERCIAL DO PORTO

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Fundado em 1836

Capital Esc. 3.000:000$

Fundos de reserva Esc. 3.300:000$

Filial—LISBOA

Temos a honra de participar aos srs. accionistas, clientes e amigos deste Banco que a sua filial de Lisboa, instalada em edificio proprio, na rua de S. Nicolau, n.º 123, começou as suas operações, sob a direcção do sr. Eduardo John, antigo socio-gerente da casa Henry Burnay & C.ª

Pelo Banco Comercial do Porto

A DIRECÇÃO

Artur Oliveira
Adelino Ferraz Costa
Alberto Correia de Faria

FURUNCULOS

Diabetes, doenças da pele e dos intestinos

curam-se com fermento d'uvas

Formosinho

Farmacia Formosinho

Praça dos Restauradores, 18

LISBOA

NACIONAL
HOJE ás 21
O mais belo espectaculo de arte
O maior triunfo
VIRIATO
peça original em 3 actos, de Luna de Oliveira
Formidavel conjunto de desempenho
LINDISSIMA MONTAGEM

EDEN-Teatro
Companhia de opereta e revista
5.ª representação da opereta em 4 actos
original de
JOÃO BASTOS e BENTO FARIA
musica de FILIPE DUARTE
O FADO
Quarta-feira, 7 — Recita dos actores Santos Carvalho e Armando Machado

AO PUBLICO

Um novo e fenomenal trabalho no Coliseu dos Recreios

Continuam a merecer as atenções do publico os formidaveis e sensacionais trabalhos executados todas as noites no Coliseu dos Recreios e reforçados, desde hoje, pela estreia dos celebres artistas Walter Gers e do seu engraçadissimo comico Olimecha, unicos no mundo que executam o duplo salto mortal «terra a terra» e que são a ultima palavra em acobracia moderna. Vindos do estrangeiro acompanhados de grande fama, os notaveis artistas hão-de, fatalmente, pela originalidade e pela dificuldade do seu trabalho, impor-se á admiração do publico que passará de futuro a ter mais um numero de extraordinario valor artistico a juntar ao da celebre e aplaudidissima Troupe Birkeneder—uma gentilissima senhora, um homem e duas crianças que executam os mais audaciosos e assombrosos exercicios de equilibrio sobre um fio de ferro colocado a toda a altura e largura do Coliseu; ao do notavel ginasta Frederick Sylvester e dos seus pequenos «volantes» cuja estatura não condiz com a idade, ao do fenomenal colosso Great Gerard cuja musculatura é prodigiosa, ao dos populares e engraçadissimos «clowns» Rico e Alex e Irmãos Albano e, enfim, ao de todas as celebridades que compõem a magnifica companhia de circo, a melhor, mais variada e mais artistica que tem vindo a Lisboa.

Com um programa desta natureza não é para admirar que as enchentes no Coliseu se sucedam todas as noites.

Instalações electricas
Orçamentos gratis
MATERIAL ELECTRICO
Grande stock de lampadas
PHILIPS-ARGA
É quem vende mais barato
Preços especiais aos revendedores
Telefone C. 5430 Telegrafo DIFONSO DIAS, FONSECA & SOTO MAIOR L.da
Rua dos Fanqueiros, 122—LISBOA

Duplicadores com tipo "MILLOTYP"
Não gastam tinta stencil e dispensam maquina de escrever
Agentes exclusivos: OLIVER, LIMITADA
R. da PRATA, 250, 2.º Telefone N. 3158

PEÇA-OS EM TODA A PARTE

DIARIO DE CLARINHA

Impressões

da "première"

do drama «A Ribeyrinha»

Nove e meia. Já transborda o teatro. Como é possivel ás dez horas ainda haver espectadores barulhentos que entram atropelando, pisando as pacientes vitimas da sua exactidão!

Se lá fora continua a cair uma chuva leve e fria, na sala ha a atmosfera quente das noites tempestuosas. Conversa-se alto; gesticula-se, e apenas se ouve a orquestra esboçar timidamente, em surdina, uma adoravel musica ingenua.

Toca emfim a campainha — ergue-se aquele pano fantastico, no qual vimos os poetas tropeçarem, apavorados, sob o olhar impassivel das Musas.

Ha um mesmo, que cai de costas, desastradamente, quando já conseguira galgar o segundo degrau da Gloria...

Agora ante a tapeçaria primitiva dois jograis conversam, na intenção encantadora de nos pôrem ao facto da intriga.

Que dirão eles? Da minha friza, proxima do palco não logro compreender a sua linguagem.

Por vezes parece-me que sinto frases rimadas, numa toada monotona. O publico, interessado, escuta, com o proposito duma criança a quem deram a resolver um arduo problema:

«Um rebanho tinha cem carneiros, morreram doze, fugiram seis, venderam-se cinco...»

E ninguem consegue resolver o assunto.

Ha preguntas inquietas. Uma senhora, ao meu lado, explica que a peça é em prosa, e sinto em todo o camarote uma satisfação tranquila.

Bonamys — o malicioso jogral — sentado na caixa do ponto — que artisticamente transformaram em moxo ou arca, cozida de ferragens — enceta a ultima narrativa do prologo — Soa-me aos ouvidos como uma balada, graciosa, tragica, poetica... Mas nada ouvi, e guio-me unicamente pela fisionomia do actor.

No estrangeiro estudam cuidadosamente uma peça que repetem duzentas vezes, sem uma alteração. Entre nós sucedem-se nos cartazes originais, traduções, imitações, e os artistas mal teem tempo de decorar o seu papel. Como pódem eles estudar uma personagem; ser hoje um galã moderno, ámanhã um bôbo de D. Sancho?

Mas bôbo ou galã, o publico deve compreender as suas falas, que as mais das vezes os artistas se esquecem de articular.

Acabou o prologo, afastam-se as tapeçarias. Estamos em pleno sarau da côrte, dado em honra de Maria Pais. Dansa-se lá dentro. A scena representa o salão «repousante» onde se conversa e se côme — mixto de *bufete* e *hall*. A um canto uma mesa coberta de linho, e sobre ela prateiros de frutas, — cachos de uvas gigantescos, laranjas côr de ouro, taças solidas de prata massiça, canecas de vinho.

Os cavaleiros sentados, — sayal bordado a ouro sobre armaduras de aço — discutem mulheres. Como nos dias de hoje sucedé aos frequentadores do Tauromaquico, Gremio Literario ou Havaneza...

Depois um fidalgo, rubro, forte, conta os seus amores, fala-nos do seu real amo. Oh! Como vem até nós atravez dos seculos, a má lingua nacional! E subitamente entra Lourenço Viegas, moço fidalgo, forte, bem trajado, senhor de si, levemente indiscreto. Tambem ele fala em Maria Pais. Mas, mais do que os outros descrê da sua virtude e pouco duvida ao seu poder. — Perto dos seus parentes, entre os seus amigos jura que a dona o beijará de vontade, antes que um ano passe...

Cem maravedis a aposta!

Ouve-se longe a musica, e subitamente a Ribeyrinha surge, miudinha e alva, cabelos côr de fogo entrançados sobre as orelhas, vestida de laranja e ouro, toucada de pedrarias, olhar profundo, sorriso de malicia.

As saias, amplas e vagas caem á sua volta, até aos pés finos, harmoniosamente.

Lourenço Viegas começa o seu torneio amoroso tomando áparte Maria Fornellos. A Ribeyrinha arde em curiosidade, olha-os atravez as penas largas do seu leque oriental, preguntando á aia que a segue: — Que diz ele?! —

E entram as damas mouriscas. A musica acentua o ritmo languido. Maria Pais queda-se, num pensar vago...

No 2.º acto ouvem-se sinos. Sai o acompanhamento de El-Rei. A Ribeyrinha já traja luto. Ei-la envolta em brancas musselinas, meio velado o rosto alvo encobertos os cabelos ruivos. Entrou nela o fogo divino da paixão — fugirá com Lourenço Viegas.

E é então que o enamorado jogral lhe conta a aposta do primeiro acto.

Logo se ateia em Maria Pais o odio implacavel da vaidade ferida.

— Irá com ela a terras de Espanha, mas só na intenção de o enlouquecer de amor para melhor o trazer captivo á torre de Lanhoso.

E no terceiro acto é a «fonda» com a sua estalajadeira gaiata, o marido espião, o «fisico» ridicularisado, e o pagemsito, que mal póde com a enorme viola, sua eterna e terrivel companheira.

A Ribeyrinha usa para com Lourenço Viegas a eterna arte, sempre vencedora dos homens, da simulada paixão e assim o faz voltar a Portugal onde o espera a morte.

Eis-nos nas ultimas scenas, demasiado prolongadas. Martin Pais chama a conselho os seus parentes; fidalgos sensatos a quem repugna assassinar. Entre eles ha a simpatica personagem de Mendo de Briteiros, moço companheiro do culpado, a quem procura salvar a vida. Mas para que quer Lourenço a vida, se a Ribeyrinha não o ama? Sabe que ela o traiu, lhe mentiu, e o enredara nos seus braços perfidos, e é-lhe doce morrer por ela. Mais uma vez triunfa a falsidade, a malicia, a graça felina da mulher...

E são para ela as ultimas palavras de Lourenço Viegas, de carinho e amor.

Sempre assim foi de Eva a Cleopatra, de Cleopatra a Josefina, de Josefina á minha costureira...

Com que graça senhorial Amelia Rey Colaço se encarnou na figurinha meuda de Maria Pais! Quanta arte ha no seu vestir, como é subtil a gama dos seus sorrisos enfeitiçados!

Um jornal afirma ver nela a eterna Zilda. Amelia não póde — graças á sua mocidade — envelhecer a sua voz fresca, as suas faces rosadas.

Mas esse mal é o supremo bem que as mulheres lhe invejam. Será por muito tempo moça e formosa. Ali está a parecença que existe entre Maria Pais e as Zildas do seu curto passado.

E acaba-se por hoje o meu «diario» — o livro é pequeno, as paginas meudinhas.

Correia de Oliveira e Francisco Lage venceram, arrancando da poesia vaga do passado a luminosa figura que se move em scena, palpitante, apaixonada com a força invencivel da sua fragilidade...

CLARINHA

POLITEAMA EMPREZA LUÍS PEREIRA Tel. 3028 N.
COMPANHIA REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO
HOJE, ás 21,30 — Assombroso exito — Trabalho admiravel de Amelia Rey Colaço — Scenarios explendidos
A RIBEYRINHA
Quarta-feira, 7, ás 21,30 — Grande recital de piano pelo eminente-pianista VARELLA CID — Programa selectissimo. — Domingo, 11 — Concerto extraordinario, de homenagem ao fundador da ORQUESTRA SINFONICA DE LISBOA, emprezario Luis Pereira, com o concurso da eximia pianista sr.ª D. Maria Amelia Teixeira e do distinto violinista Francisco Benets — Direcção do maestro FERNANDES FÃO.

Telefone C. 3033 SOUZA, MOURA & C.ª, L.da End. Tel. «SOURA»
CASA BANCÁRIA
103, RUA AUREA, 105
LISBOA
COMPRA E VENDA DE MOEDAS, NOTAS ESTRANGEIRAS, PAPEIS DE CRÉDITO, ORDENS DE BOLSA, CHEQUES SOBRE AS PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAÍS E ESTRANGEIRO. DEPOSITOS Á ORDEM E A PRAZO. TODAS AS TRANSACÇÕES BANCARIAS

HOJE
A ultima valsa
Exito incomparavel
no
SÃO LUIZ

TEATRO DE S. CARLOS
A'manhã, terça-feira 30.ª recita ordinaria
Ultima representação da opera HAMLET em despedida de Armando Crabbé, Ada Sari e H. Sadoven que cantarão tambem varios trechos do seu melhor repertorio.
Quarta-feira — 1.ª representação da opera
SERRANA
de Alfredo Keil, em 12.ª recita extraordinaria — Direcção do maestro Fabbroni — Principais papeis por Alice Panaggia, Belina, Ivantzoff, Percy Costa e Gras Solá.

A companhia José Ricardo no APOLO

Ontem, muito antes de começar o espectaculo no Apolo, não havia um bilhete por vender. Isto vem sucedendo desde que se estreiou ali, a aplaudida Companhia José Ricardo, com a encantadora peça «Os Fidalgos da Casa Mourisca», que tem levado ao elegante teatro as principais familias de Lisboa.

Hoje repete-se a delicada obra extraída do popular romance de Julio Diniz, com o mesmo titulo, o que equivale a anunciar outra enchente, e mais uma noite de entusiasticos aplausos para Brazão, José Ricardo, Maria Matos e Ilda Stichini, que são os principais interpretes da peça, e, tambem, para os que brilhantemente os acompanham. Em vista da enormissima concorrencia de sempre, a empresa resolveu aceitar, já, marcações para todos os espectaculos da actual semana, incluindo o da primeira recita da moda, que é na proxima quinta feira.

- DI-LO TODA A GENTE -
QUE SÃO OS FABRICANTES
DONAS DA COVILHÃ
QUE MAIS BARATO VENDEM, DIRECTAMENTE AO PUBLICO, AS MELHORES E MAIS BONITAS FAZENDAS DE LÃ PARA
FATOS E VESTIDOS
DEPOSITO DE VENDAS A PETALHO
Em Lisboa - R. dos Fanqueiros, 187-2.º
No Porto - R. Fernandes Tomás, 352-A

CARVÃO VEGETAL - COKE BRIQUETES

TELEFONE C. 4119
VENDAS NO DOMICILIO EM SACCOS SELADOS
FRANCISCO LEITÃO & C.ª F.ª
RUA DA COSTA A LISBOA

Fabrica de
Ladrilhos
Mosaicos
Azulejos
Cimentos
GOARMON & C.ª
TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19
Telefone n.º 1244
LISBOA

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

O leque

Aquele leque de seda branca, que abria como uma aza de pomba e tinha suspensas figuras de outro seculo, com a eterna legenda de amor, que era o amor repetido daquela mulher que defendia o coração, encostando suas varetas finas, nervosas e longas ao peito, pousava agora, esquecido, palido de ouro, tecido fruste, numa almofada de veludo antigo.

Falei-lhe, conversamos. O leque chorou, como as bonecas, como as ruinas, como os livros que se amaram.

«Morderam-me um dia os seus dedos finos, translucidos, como estames de orquidea. Escondi-lhe a primeira rosa que a inocencia lhe pôs na face. Dei-lhe sombra quando ela, galante, se sentou escondida, num parque, ouvindo o seu primeiro amor.

Mais tarde num baile, furtei-lhe á luz, o esplendor duma lagrima! E quantas lagrimas essa lagrima não ressuscitaram!

As suas mãos longas que eram inscrustações de nacar, na laca monacal do seu vestido negro, emquanto a sua belesa era ainda um vestigio glorioso e tinha luz para todos os olhares, traíram-na.

Ela envelhecia, lutando. Passei horas no seu «toilete», entre boiões e cremes. As mãos empalideceram; desbotaram como as rosas, como aquelas rosas, vês? que já têm outono!

Mais tarde casou.

E sabes, como vim parar aqui? quem me trouxe aqui? Uma mão de criança! Eu era o passado daquela mulher; o seu amor, o primeiro que é o ultimo da vida; as lagrimas que se choram bem; os sorrisos que são a alegria transformada em luz; eu era tudo, quando ela já não era nada.

Uma mão de criança que me trouxe aqui! O seu passado, os seus dezoito anos que não tornam a reflorir, o seu coração que palpitava alvoroçado, todo o seu amor, ela entregou aos filhos, entregando-me, para que me despedaçassem».

Artur Portela

Miranda & Filhos
Joalheiros
PORTO 176-R. 31 de Janeiro 178 LISBOA 50-Rua Garrett 52

"SÁCHÁ"

Comentarios á vida moderna, por

Francisco Manuel Cabral Metello

A' venda em todas as livrarias

CAMBIOS

		Comprador	Vendedor
	Londres, cheque	2 11|64	2 5|33
	» fim mês	2 5|32	2 9|94
	Paris	1$430	1$435
	Berlim	—	—
	Holanda	—	—
s|	Espanha	—	—
s|	Bélgica	1$242	1$255
s|	Itália	—	—
s|	Suiça	—	—
s|	Suecia	—	—
s|	Noruega	—	—
s|	Dinamarca	—	—
s|	Nova-York	—	23.650
s|	Brasil	—	—
Rio	Londres	—	—
	Libra esterlina	—	—
	Ágio do ouro	—	—

SEM EIRA NEM BEIRA...

A falta de habitações

FALA O DR. LEITE DUARTE

O problema de habitação, em Lisboa, assume proporções de tal magnitude, que urge dar-lhe uma solução rapida, procurando desde já atenuar-lhe ás tragicas consequencias. No proposito de obtermos elementos para essa solução procurámos quem nos podesse esclarecer alguns dos pontos a que toda a gente atribue o principal motivo da crise de mingua de habitações em Lisboa, e que reside no privilegio de construir arruamentos que um decreto creou á Camara Municipal. Indicação amiga levou-nos á presença do ilustre advogado sr. dr. Francisco Leite da Silva Duarte.

—Deve a Camara—perguntamos nós—continuar com a prerogativa de ser construtora de arruamentos na cidade de Lisboa?

—A prerogativa em questão—diz o ilustre advogado—está inscrita no art. 7.º do decreto de 30 de setembro de 1914, que dispõe: «E' privativa atribuição da Camara Municipal de Lisboa a construção de arruamentos e pateos dentro da cidade de Lisboa.»

E proseguiu:

—O que em primeiro logar resulta do exame desta disposição é o seu caracter de especialidade. Com efeito estabelece-se quanto á Camara Municipal de Lisboa uma situação privilegiada sobre as restantes camaras do país.

—Com justificação?...

—Nem no relatorio do decreto nem no proprio fundamento da lei se encontra a justificação de um preceito que, indo por um lado proibir a actividade dos constructores particulares—no que toca aos arruamentos e pateos—vai por outro conceder á Camara de Lisboa uma situação privilegiada quanto ás restantes camaras.

—E em que se funda o decreto?

—Pretende basear a sua razão de ser nomeadamente na «necessidade de atenuar, na medida do possivel, os efeitos da crise mundial pelo que se respeita ao trabalho nacional» e é evidente que uma das primeiras consequencias da restrição, contidas no citado artigo 7.º, é a impossibilidade de os particulares construirem arruamentos, em tais empresas empregando os seus capitais, a sua actividade, e neles ocupando os operarios de construção civil.

E com expressão:

—Chega a parecer uma ironia, nestes tempos de crise de trabalho, a afirmação contida no relatorio da lei!

—Está a Camara em situação de tamanha prosperidade que possa construir na area da sua jurisdição?

—São publicas e notorias as condições economicas do Municipio, mas mesmo que fôssem prosperas, não tinha razão de ser o privilegio, pois que continuariam da mesma forma inactivos os capitais dos particulares, que ha muito buscam essa forma de aplicação, com manifesta vantagem para a economia nacional e para a propria economia da Camara, que noutras empresas e serviços publicos, de que tanto carece a primeira cidade do país, poderia aplicar os capitais por hipotese destinados á construção de arruamentos.

—Mas estão bem longe duma situação desafogada as finanças da Camara...

—Tanto os orçamentos municipais como as proprias queixas sistematicamente formuladas pelos edis, com o desleixo e abandono a que, por falta de fundos, estão votados muitos serviços municipais, mostram que a camara não está em condições economicas de tirar partido ou de traduzir em utilidade social a regalia que lhe conferiu a disposição do artigo 7.º do decreto de 30 de setembro de 1914.

—As consequencias dessa disposição...

—Da inacção da camara e da proibição implicitamente consignada no artigo 7.º resultam consequencias gravissimas e de uma tão evidente monstruosidade que causa admiração como o poder legislativo ainda não interviu há muito derrogando a infeliz disposição. E' assim que por virtude dela continuam desaproveitados, mesmo no centro da cidade, muitos terrenos cujos proprietarios há muito teriam aplicado á construção de arruamentos, se não existisse a estranha proibição desse artigo. A crise da habitação, essencialmente originada na complexa crise economica mundial encontra, entre nós, uma assistencia singular: a que lhe dispensa o proprio Estado editando e mantendo uma disposição implicitamente proibitiva de construções!

—E como deve ser substituida a disposição desse decreto?

—Mas muito simplesmente por uma disposição de revogação expressa que imediatamente vai autorizar os proprietarios a construirem arruamentos de harmonia com a lei e disposições regulamentares em vigor. Sendo assim, em logar de se proibir aos particulares as construções de arruamentos—o que actualmente sucede!—a Camara deverá facultar, quanto possivel, á iniciativa e aos capitais particulares, essa construção e porventura indo mesmo ao ponto de impor aos proprietarios essa tarefa desde que, em contrapartida, o Estado lhes facilite, sob garantias hipotecarias ou quaisquer outras, os capitais suficientes, com a retribuição do juro e a amortização em condições rasoaveis.

«E muito eu ainda teria a dizer-lhe, o que farei quando ao *Diario de Lisboa* aprouver.

Assim terminou a nossa palestra com o ilustre advogado, a quem desde já aceitamos o gentil oferecimento de continuar a expor-nos judiciosas observações sobre o magno problema da habitação.

O ROUBO DE PELES

NO DEPOSITO DE FARDAMENTOS

Nos calabouços do governo civil encontram-se presos varios individuos, como implicados num roubo de peles, no Deposito Geral de Fardamentos.

Os agentes Rosa e Marques, da 3.ª secção de investigação, já apreenderam 15 duzias de peles, averiguando que os autores do roubo foram Manuel Gonçalves, Manuel Paulo, Francisco Antonio Viana e José Pinho, os quais devem ser ámanhã enviados para juizo.

POR ANGOLA

O Alto Comissario de Angola, criou varias escolas mixtas e de artes e oficios em diversas circunscrições.

PELA IMPRENSA

«REVISTA PORTUGUESA»

Dirigida pelo nosso camarada sr. Victor Falcão sairá, no proximo dia 8, o primeiro numero da «Revista Portuguesa», publicação semanal de critica aos acontecimentos literarios e artisticos portugueses e estrangeiros.

Entre os colaboradores, todos eles especialisados, contam-se os srs. Mario Sáa, dr. Americo Durão, José Bragança, Ivo Cruz, Rebelo de Betencourt, Correia da Costa, José Dias Sancho, Oscar da Silva e Francisco Guedes. A parte artistica está a cargo dos srs. Antonio Soares, Bernardo Marques e Mario Sáa.

A «Revista Portuguesa» publicar-se-ha todas as semanas, ás quintas feiras.

Uma artista espanhola

que se queixa á policia

A policia administrativa está tratando de uma queixa apresentada pela artista espanhola Pepita Rodrigo contra o director d'um club de Lisboa, por este não ter cumprido o seu contracto.

O EXERCITO

UM CLUB MILITAR EM ORGANISAÇÃO

Os oficiais do exercito vão reunir, para tratar da fundação de um Club Militar.

Quando ontem á noite desciamos o Chiado, á hora dos teatros, encontrámos o alferes Manuel de Jesus Campos, oficial activo, inteligente e cheio de boas iniciativas, que nos tomou o braço.

Falámos sobre os casos do dia, os julgamentos de Santa Clara, etc.

Entrámos no «Italia». A certa altura perguntámos:

—E' verdade que os oficiais do exercito pensam em fundar um club?

—O quê? Já sabe isso! Como estas coisas se sabem...

—E' verdade?

—E', mas eu não desejava que isso fosse do dominio publico sem primeiro falar com o ministro da Guerra sobre o assunto, para que ámanhã se não possa especular com o caso.

—De quem é a inicitiva?

—Minha. Já consultei um grande numero de camaradas meus que acham a ideia simpatica.

—Quais são os fins do club?

—Os melhores e mais altruistas. Acabar duma vez para sempre com a desconfiança que existe na familia militar; desviar os oficiais da politica, do café e doutros centros onde a razão por vezes se obscuresse e as boas ideias se turvam.

—O club é uma segunda edição das juntas militares do norte?

—Não, senhor. Sou contra as juntas militares, visto elas serem um organismo politico.

—Mas nesse caso...

—Todos os oficiais politicos pódem fazer parte do club, quer sejam monarquicos, republicanos, socialistas, nacionalistas ou radicais, desde que tenham o cuidado de, todas vezes que entrarem no club, deixar ficar a politica á porta da rua. Lá dentro apenas se discutirão assuntos militares, literarios, scientificos e economicos...

—Quando vai procurar o ministro da Guerra?

—Terça ou quarta feira. Vou pedir-lhe autorização para os oficiais se poderem reunir num dos dias da proxima semana no teatro D. Maria, a fim de serem apreciadas as bases fundamentais desse club.

—Conta com a anuencia do ministro?

—Conto. Tanto mais que o caso não é novo entre nós, já temos o club naval, e os clubs militares de Angola e Lourenço Marques.

—Todos os oficiais dos varios estabelecimentos militares pódem fazer parte desse club?

—Sim, senhor. Eu penso até instalar um restaurante no club, para os oficiais da provincia que acidentalmente se encontrem em Lisboa.

—Posso dar essa noticia no *Diario de Lisboa*?

—Depois de eu falar com o ministro da Guerra, dar-lhe-hei elementos para uma entrevista.

CONFERENCIAS

O sr. ministro da Guerra conferenciou, hoje, largamente com o seu colega da Marinha.

FRIEIRAS
Em ferida ou não
CURAM-SE em 3 dias com a
AMBRINE

QUEIMADURAS
Qualquer que seja a sua origem
Recentes ou antigas
Curam-se em 8 dias com a
AMBRINE
Cuidado com as imitações
Peçam em todas as boas farmacias e drogarias.
DEPOSITO GERAL PARA PORTUGAL
A. SERRA E MOURA, L.DA
Travessa dos Remolares, 30, 3.º
Telefone 3353 C.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES — A Cidade — CRONICAS E ENTREVISTAS

NO NACIONAL

VIRIATO

TRAGEDIA DE HUMBERTO LUNA

Viriato, trabalho historico de Humberto Luna, sem ser uma peça perfeita, um estudo completo dessa figura, sem nos dar o ambiente de heroismo em que latejou Portugal, acusa, no entanto, um esforço formidavel de realização teatral, em que estão empenhadas muitas qualidades. Foi uma estreia auspiciosa, a de Humberto Luna? Quando se é novo e se apresenta, como ele apresentou um final de acto—o segundo—cheio de teatro, ainda que teatro velho, não devemos fazer tal interrogação. A severidade da critica tem que descer a viseira; supurando qualidades e passando em branco detalhes ingenuos, senões e *carrefours*, que Humberto Luna, amanhã, na posse plena das suas faculdades, decerto cortará cerces.

Viriato pretende ser um drama historico em que a figura lendaria desse montanhez que nos Herminios levantou ao sol o seu gladio, apareça com toda a pujança, iluminada pelo fulgor da verdade.

Nem sempre é feliz a linguagem dos personagens. Seria preferivel que ela fosse mais sobria e que não caisse em adjectivações sunoras que trescalam á peior literatura do seculo XVIII. Fala-se demasiadamente, e as replicas que cairiam melhor no animo do publico se fossem rapidas, perdem o seu valor tragico, envoltas em redundancias.

Notámos isto no primeiro acto. Mas, Humberto Luna, vinga as suas hesitações de estreante, dando-nos um segundo acto, movimentado, cheio de teatro, forte, vigorozo, que arrebatou violentamente a plateia do Nacional.

E se até aí a peça, pecara por artificial, por parangonas de estilo e declamações sumptuosas, naquele instante a grandeza de Viriato, a Republica romana, vitoriosa e ardente, pela boca dos seus generais; o amor e o odio e ainda outro amor tocante e sincero, esmagam-nos inteiramente.

No terceiro acto, a acção que fôra frouxa no primeiro, cai em côma até á morte do heroi que não condiz com a que lhe atribue a lenda.

Digamo-lo francamente, a interpretação não nos agradou. Emquanto alguns artistas falavam, outros declamavam. Faltou-lhes a unidade, e, mais que unidade, a compreensão dos seus papeis. E para não criticar asperamente o conjunto do Nacional, abstemo-nos de citar os maus, os pessimos—quantas peças caem devido á interpretação!—para lembrar ao publico o trabalho de Rafael Marques e o de Clemente Pinto. O primeiro teve voz, o segundo teve intenção. Maria de Vasconcelos, hirta e embaraçada de gestos, teve mascaras palpitantes de revolta e de orgulho.—*A.*

A entrada nas salas de espectaculo

O governador civil determinou que, desde sabado, seja rigorosamente cumprido o edital do antigo governador sr. Lelo Portela, proibindo que, nos teatros e noutras salas de espectaculo, o publico entre depois do pano levantado. Não é igualmente permitida a entrada nos teatros de crianças até dois anos.

A' VENDA:
6.º NUMERO
FINAL DA 1.ª SÉRIE
DA
REVISTA DE TEATRO
contendo a comedia em 3 actos da Parceria
E. Rodrigues, F. Bermudes e J. Bastos
O AMIGO DE PENICHE
Colaboração escolhida e gravuras
Cerca de 80 paginas

O CAMBIO VAI MELHORAR?

A' volta do emprestimo

FALA VELHINHO CORREIA

—Sempre vai para Timor?
—Não sei nada!
—Mas se fôr convidado para governador?
—Que sei eu!
—Já o convidaram?
—Não, senhor.

E o sr. Velhinho Correia, que é quem fala, contra o seu costume, diz tudo, quando lhe falamos do emprestimo

Com alegria, explica:

—As emendas introduzidas pela comissão de finanças, algumas da minha iniciativa, acautelam perfeitamente os interesses do Estado.

Rapido:

—O emprestimo, com as modificações que se lhe introduziram, é para toda a gente. Para os que sabem lêr, escrever e contar.

—Já foi combatido...

— Altas individualidades têm-no atacado. Todas as coisas têm o seu lado bom e o seu lado mau. Pedir não agrada a ninguem... Eu não tenho aqui o sermão do Padre Antonio Vieira, mas é assim, é assim, acredite.

— O emprestimo é apresentado em boas condições?

— Nenhum se apresenta melhor do que este.

— Tem como fim...

— Acabar com as continuas emissões de notas.

— Mas vamos ter um novo aumento de circulação fiduciaria. E' uma resultante indirecta do emprestimo interno...

— Olhe, o emprestimo deve dar uns cento e quarenta mil contos. Como nós só teremos o resultado dessa operação daqui a três ou quatro meses, até lá, é logico que se peça um suprimento ao Banco de Portugal, visto que o Estado necessita fazer as suas despesas. Mas...

— Mas...

—O que é necessario é que o produto do emprestimo seja integralmente para se cobrir esse suprimento que se faz ao Banco. Isso está acautelado nas emendas introduzidas pela comissão.

—Porque é que v. ex.ª defende o emprestimo?

—Defendo-o porque ele representa a tentativa mais eficaz para acabar com esta emissão de notas, desregrada. Acabar de vez, como se pretende com a emissão de notas é estabilizar o valor do escudo, melhorar o cambio, embaratecer a vida. Até aqui o aumento da circulação fiduciaria tem-se feito em pessimas condições...

—Quando se discute o emprestimo, na Camara?

—Hoje!

—Quanto tempo levará a discutir?

—Uma semana!

—E' aprovado?

—E'. Logo que o seja sentiremos os efeitos duma melhoria cambial, que já começou.

Assim falou o sr. Velhinho Correia.

Antologia Luso-Brasileira

A 4.ª conferencia

E' ás 5 horas da tarde, na proxima quinta feira, que o sr. dr. Trindade Coelho, realiza no salão nobre do Teatro Nacional, a quarta conferencia destinada a subsidiar na Alemanha a Antologia Luso-Brasileira.

O sr. dr. Trindade Coelho tomou para tema da conferencia o «Ciclo Poetico de Junqueiro». Pelo assunto e pelo conferente, que ha de tratá-lo com raro brilho e nobre vigor, teremos outra tarde de triunfo.

As imagens da quinta da Princesa

De uma das repartições do Ministerio da Justiça foram hoje removidas para a capela da quinta da Princesa, na Amora, as imagens e mais outros objectos de culto, pertencentes á capela de Santa Marta de Corroios, da mesma freguesia, e que ha tempos haviam sido arrolado pelos administrador do concelho do Seixal.

Conferencia

O deputado sr. Agatão Lança esteve hoje no governo civil, conferenciando largamente com o chefe do distrito.

O «CARVALHO ARAUJO»

Chegou hoje a Ponta Delgada o cruzador *Carvalho Araujo*.

Um desastre de «Side-car»

4 pessoas feridas

Esta tarde, na Praça Mousinho de Albuquerque, voltou-se uma «side-car» guiada por Alfredo Cesar Machado, morador na rua E, ao Alto de Pina, 2, 3.º, que ficou gravemente ferido.

Os passageiros do carro D. Madalena Machado, D. Margarida Tavares e uma filha desta senhora, de nome Maria, apenas sofreram ligeiros ferimentos.

Foram pensados no hospital de S. José, tendo recolhido a casa. O «chauffeur» ficou na sala de operações.

Malas postais

A'manha são expedidas malas postais, pelo «Bilbao», para Pernambuco e Baía, e pelo «Paneras», para a Madeira, Pará e Manaus, sendo a ultima tiragem da caixa geral respectivamente ás 11 e 12 horas e fechando os registos ás 9 e 10 horas.

COMPANHIA DO NYASSA

Foi determinado que fossem postas em execução nos territorios da companhia do Nyassa, as pautas aduaneiras ultimamente aprovadas para a provincia de Moçambique.

Aos nossos leitores

Elvira Monteiro, uma pobre mulher doente que vive na maior miseria, sem remedios para se tratar, recorre á caridade dos nossos leitores. Recebem-se quaisquer donativos na nossa administração.

Pelos teatros

A «Blanchette»

Conforme temos noticiado, a ilustre actriz Jesuina de Chaby realiza, no Avenida, a sua festa artistica na noite de 8 do corrente, com uma recita unica da já celebre peça «Blanchette». E porque se nos afigura interessante dar ao leitor estes pormenores, aqui lhe revelamos um pouco da historia da peça, desde a sua estreia no nosso país. Criada por Lucilia Simões ha 20 anos, fazia então Chaby Pinheiro o «cantoneiro». Ha três anos fez-se «reprise» no Politeama, com Aura Abranches e Jesuina, desempenhando Chaby o papel de «Rousset», em que obteve um grande sucesso. Depois, a protagonista passou ás mãos de Cremilda de Oliveira, que já fez a peça no Brasil e no Porto, sendo os dois papeis femininos de grande relevo e o de Jesuina notavel de verdade e sobriedade. Resta acrescentar que a peça, independentemente do acolhimento que o publico lhe fez, é das mais humanas, não envelhece nunca e que a interpretação que lhe dão Chaby, Jesuina e Cremilda honra a excelente companhia a que pretencem

Conferencias teatrais

A A. C. T. T., no intuito de concorrer para um maior levantamento moral e artistico de classe dos profissionais de teatro, organizou uma serie de palestras e conferencias, nos salões e teatros de Lisboa, contando já com a adesão brilhante dos srs. Afonso Lopes Vieira, Manuel de Sousa Pinto, dr. Cunha e Costa, dr. Faria de Vasconcelos, Cesar Porto, Augusto de Lacerda, Augusto de Melo, Araujo Pereira, Mario Domingues, Avelino de Almeida, Norberto de Araujo, dr. Augusto de Castro, Aquilino Ribeiro, Jorge de Outiz, D. José Paulo da Camara, João Pereira, Pinto Quartim, Manuel Ribeiro, Afonso Gaio, Antonio Pinheiro, dr. Agostinho Fortes, Alberto Barbosa, dr. João de Barros, dr. Jaime Cortesão e Lino Ferreira.

A primeira destas conferencias realiza-se no domingo, 11 do corrente, ás 15 horas, talvez no Ateneu Comercial de Lisboa, sendo conferente o ilustre professor Augusto de Lacerda, ensaiador do teatro Nacional, que escolheu para tema da sua conferencia «A dinamica teatral», anuindo prontamente ao convite que lhe foi dirigido.

Para estas conferencias, cuja entrada é gratuita, podem requisitar-se os bilhetes na séde da A. C. T. T., rua do Mundo, 81, 2.º.

Atrás do reposteiro

Faz-se ámanhã, no teatro Nacional, a leitura da peça, de Norberto de Araujo, «Dentro do castigo», o segundo original desta epoca a representar naquele teatro.

—A companhia Aura Abranches, que está fazendo nas principais cidades do pais uma digressão artistica, com as melhores peças do seu repertorio, estreia-se no Avenida, no proximo dia 20 do corrente.

—Estreiou-se no Rio de Janeiro, no teatro Republica, com a peça «A vida», a companhia Ruas, que daqui partira a bordo do «Massilia».

—Parte ámanhã para o Porto, onde vai fazer a propaganda dos espectaculos de opera, no S. João, com a actual companhia de S. Carlos, o nosso antigo colega da imprensa Luis Cardoso.

—Chegou a Lisboa, vindo do Porto, o emprezario sr. José Loureiro.

—A receita do espectaculo de ontem, no Nacional, com a peça «Viriato», foi a maior de toda a epoca.

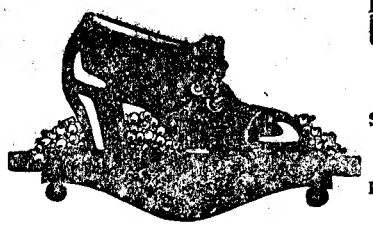
—Na proxima quarta-feira realiza-se, em S. Carlos, a «reprise» da opera portuguesa «Serrana», do maestro português Alfredo Keil, que será cantada pela nossa compatriota Alice Pancada, na parte de «Izabel», e pelos cantores Belina, Ivantzoff, Percy Costa e Gras Solé, nos papeis de «Pedro», «Marcelo», «Nabor» e «André». A «Serrana» fará os três ultimos espectaculos da epoca.

—O novo numero de acrobacia moderna desempenhado, desde hoje, no Coliseu dos Recreios, pelos celebres artistas Walter Gers e pelo seu extraordinario comico Olimecha, é de grande valor artistico, por serem estes artistas os unicos no mundo que executam o duplo-salto mortal, «terra a terra».

—Foi posto á venda o 6.º numero da revista «de Teatro», numero com que termina a primeira série. E' um volume de perto de oitenta paginas, que, além da engraçadissima comedia de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, o «Amigo de Peniche», e de muitas paginas graficas, contém colaboração de Acacio de Paiva, Eduino de Mora, Vitoriano Braga, Mario Duarte, Luis de Oliveira Guimarães, dr. Mario Bonança, Reinaldo Ferreira, etc. E' uma revista que honra o nosso país.

POLITEAMA HOJE
A RIBEYRINHA
Admiravel trabalho de AMELIA REY COLAÇO

Economia e higiene no calçado
obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO 74



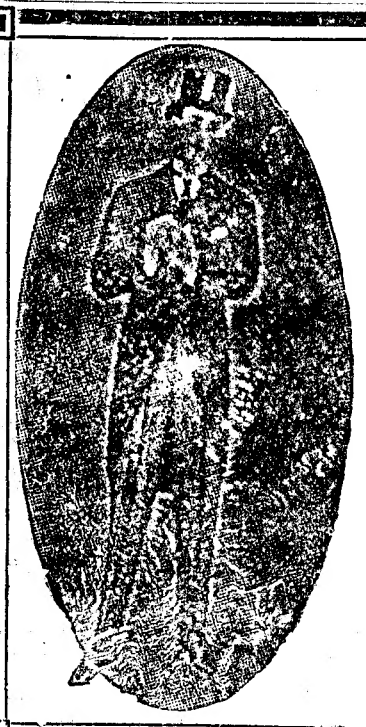
Calçado barato só o vende o Candeias

INTENDENTE (defronte do chafariz)

Sapatos em calf para senhora	17$60
» » » preto de 1.ª	28$00
» » vitela, salto razo	24$00
» » verniz, salto sola	35$00
Botas em calf preto, 2 solas, 1.ª	55$00
» «double» gaspia, para homem, 2 solas corridas	60$00
» em vitela preta, para senhora	30$00
» » » nacional, para homem	29$00
» » » branca	30$00

Visitai as nossas novas secções de fanqueiro, retrozeiro, modas, camisaria e rouparia, o que vendemos a preços extraordinariamente baratos.

Ao Candeias! Ao Candeias!



MARQUES & SANTOS, L.da

ALFAIATES-MERCADORES

FAZENDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

TOILETTES EM TODOS OS GENEROS
Corte esmerado
Acabamento irrepreensivel

Coletes de fantasia — Artigos para cavalheiro

PREÇOS SEM COMPETENCIA

TELEFONE C. 3699

RUA DO LORETO, 42-1.º
LISBOA

PRATAS A PESO
E JOIAS COM GARANTIA

Ourivesaria da Estefania 130, Rua Pascoal - de Melo, 132 -

Os nossos Ex.mos fregueses e amigos encontram sempre na nossa casa um variado sortido em todo o genero de objectos de prata, ouro, joias e objectos em estojos. Compramos e recebemos em troca: ouro, pratas e joias a cobrir as melhores ofertas. Confrontem os nossos preços e obterão a certesa de que é na OURIVESARIA DA ESTEFANIA que se vende mais barato.

BOSSA, GAMA & MORAES

Compramos

POR BONS PREÇOS BRILHANTES GRANDES, JOIAS ANTIGAS E MODERNAS, OURO, PRATA E PLATINA EM QUALQUER QUANTIDADE

Vendas com garantia

BARRETO & GONÇALVES L.da

SOCIOS GERENTES
ALBERTO BARRETO e ARTUR BRITO

RUA EUGENIO DOS SANTOS, 17
Telefone N. 3759

PAPELARIA VIUVA MARQUES

TELEFONE C. 2676

LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇAO
Artigos de escritorio — Material para desenhadores
—— PREÇOS MODICOS ——

34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38
— LISBOA —

SOCIEDADE EDIFICADORA MONT'ESTORIL, L.da

Séde — Largo d'Ostende — MONT'ESTORIL

BAIRRO N.º 1

LEILÃO

Se anuncia que no dia 15 do corrente, pelas 15 horas, á porta da Bolsa, no Terreiro do Paço, serão postos em praça, separadamente, para serem arrematados pelo maior lance oferecido, 3 «chalets» novos, com todas as comodidades, casa de banho, agua, luz electrica, jardins, etc., etc., podendo servir para duas familias.

Os supraditos «chalets» são os n.os 2, 3 e 4, situados no Monte Nossa Senhora da Saude (antigo Monte Palmela) Mont'Estoril.

Brevemente serão postos em praça os «chalets» n.os 5, 6 e 7 que estão em acabamento.

Mais se anuncia que no escritorio da Sociedade no Largo de Ostende, Mont'Estoril, se recebem propostas para a construção duma Avenida e ruas transversaes, no Bairro n.º 2, em S. Pedro do Estoril, (Cae-Agua), a fim de começar brevemente a construção de diversos «chalets».

OS MAIS LINDOS FATOS, VESTIDOS E SOBRETUDOS

SÃO FEITOS COM AS FAZENDAS DOS FABRICANTES

ROSA & IRMÃO

COVILHÃ

ESPARTILHOS E CINTAS

Por medida. — Preços modicos
Antigo Hotel Continental
—— ROCIO, 93, 2.º ——

Salão Aureo

SEMPRE SORTIDO EM CHAPEUS PARA LUTO

246 — RUA DO OURO — 248
LISBOA

AO HERPETOL

Devo o aveludado da minha pele

Este maravilhoso medicamento para uso externo provoca um imediato bem estar. Após poucos dias de tratamento o padecente vê em via de cura todos os casos de **eczema humido e seco, crostas duras, espinhas e errupções.**

A comichão desapareceu como por encanto. Em alguns casos uma só aplicação é o bastante para uma cura.

E' o medicamento por excelencia para todas as molestias da pele, entre elas **eczemas, crostas, chagas, acné, erupções, espinhas, manchas, sarna, ar denoia na pele e as cansadas por mordeduras de insectos.** Não hesite e compre sem demora um frasco, que se vende nas principais farmacias e nos depositos: em Lisboa, rua da Prata, 237. No Porto, rua Gomes Manoel, 65.

AMOSTRAS GRATIS

Solano

DEPOSITARIOS
FIGUEIREDO & TELLES, L.da
RUA ALVES CORREIA, 45, 1.º
TELEFONES 3156 e 3697-N.
TELEGRAMAS: FITELES
LISBOA

VENDE-SE EM TODA A PARTE

HESALIN

Novo preparado quimico alemão para limpar fatos, vestidos, tecidos em seda, lã e algodão. Não prejudica a côr nem a qualidade.

A. F. JERVIS, L.da
12 — Trav. do Almada, sjl, Esq. á Madalena
A' venda em todas as drogarias

Janotas????

Sejam economicos

MADEIRA, ALFAIATE, participa aos seus amigos e fregueses que mudou o seu estabelecimento de alfaiataria da Rua do Sol ao Rato, 215, para o Largo da Trindade, n.os 11, 12 e 13

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

A FRANÇA NO RUHR

HONTEM

AS TROPAS FRANCESAS OCUPARAM OS PORTOS

DE MANNHEIM E KARLSRUHE

LONDRES, 5

...ormam oficialmente das regiões ocupadas que as tropas francesas ocuparam ontem os portos de Mannheim e Karlsruhe e as oficinas ferroviarias de Darmstadt. Os franceses declaram que tomaram estas medidas como penalidade exercida contra a acção dos alemães que voluntariamente afundaram barcaças para obstruir a navegação do canal de Hoerme. Os jornais ingleses são porém de opinião que a tomada desse territorio tem por fim desenvolver o plano politico da França de cortar todas as comunicações entre a Alemanha e a região do Ruhr.

A imprensa alemã comunicou que o presidente do conselho de ministros da Prussia pretendia ir á zona ocupada pelos ingleses visitar Colonia e discursar ai ácerca da actual situação. O embaixador da Inglaterra em Berlim comunicou ao governo alemão que tal procedimento era absolutamente indesejavel. O primeiro ministro prussiano abandonou o projecto dessa visita. —(R.)

A vida

na cidade de Rechlinghausen

RECHLINGHAUSEN, 5

A *gare* desta cidade já foi reaberta ao serviço publico. Os operarios sem trabalho são em grande numero e pela primeira vez vieram pedir trabalho aos franceses. Os chefes de estação de Buer e Wester Hold e o director do posto fiscal de Duisburg foram presos por sabotagem e 8 *shupos*, vestidos á paisana, por provocações. — (H.).

Apreensão

de um bilião de marcos

DUISBURG, 5

Foram apreendidos um bilião de marcos, que se destinavam ao Reichsbank. Em Essen continua a apreensão de vagões com material. Chegaram 18 fragatas de carvão de Ludwigshafen. As localidades de Widder, Heinische e Huete, proximo de Duisburg, estão sujeitas a não terem em breve trabalho por falta de mineral. Parece que é muito precaria a situação da *Deutsche Machinenfabrik*. A concorrencia ás sopas populares na região de Essen tem aumentado. — (H.).

A ACTUALIDADE INTERNACIONAL

SKVORTZOFF

SUICIDA-SE

PARA REMIR AS CULPAS QUE LHE CABIAM NOS CRIMES DOS COMUNISTAS RUSSOS

Noticiaram ha dias as agencias telegraficas o suicidio de um bolchevista de categoria, o sr. Skvortzoff, individualidade que se notabilizára na Russia e fóra dela, como das que mais e melhor marcavam na propaganda comunista. O sr. Skvortzoff, desempenhára os mais altos cargos em Moscou, e era, actualmente membro da comissão encarregada de iniciar os actos do «Gospolite», instituição que ha perto de um ano substituiu a Tcheka, de sinistra memoria.

A morte do celebrado sovietista foi, por isso, comentadissima, não só em Moscou, onde ocorreu, mas em todos os meios russos e até no estrangeiro, e sobretudo em Paris, em cuja imprensa o suicida de hoje foi, em tempos, muito discutido.

Pois, sabem os senhores o motivo porque Skovortzoff se matou?

Ele proprio teve o cuidado de o deixar explicado numa carta escrita momentos antes de disparar a arma com que meteu uma bala na cabeça:

O interessante documento é dirigido aos dirigentes do partido comunista russo, e resa assim:

«Camaradas: Como membro da comissão de inquerito, fui obrigado a estudar os documentos e a analizar detidamente os arquivos da «Gospolite». Conheci, assim, os metodos que, segundo as explicações do camarada Wuschkht, nós temos adotado e adotamos ainda para salvaguardar os interesses do partido. Resolvo suicidar-me para apagar do meu espirito a visão dos horrores e dos crimes que teem sido cometidos em nome dos principios comunistas, e dos quais eu proprio sou parcialmente responsavel, como membro activo do partido.

Reparo assim a minha culpa. Antes de abandonar o mundo, dirijo-vos, camaradas, a minha ultima prece: renunciem a estes odiosos processos, antes que seja tarde de mais para o fazer; porque, de contrario, a nossa causa estará, dentro em pouco, comprometida para sempre».

Não são precisos comentarios. O depoimento do sr. Skvortzoff, cuja autoridade é indiscutivel, e a cuja probidade tem que fazer-se justiça, vale por si só a mais formidavel, mais inequivoca e mais decisiva revelação do que tem sido e continuará, por certo, a ser, a acção «redemtora» dos «soviets» na desgraçada Russia.

Um pregador processado por ter proferido um sermão

Outra noticia interessante:

Num dos ultimos dias o padre Calasanz Barvdat, pregador espanhol, proferiu num dos pulpitos de Madrid, um sermão cujo tema era este:

«O indecente, o menos decente e o decente». O auditorio era, pelos modos, constituido, na sua maioria, por senhoras, tanto mais que a perlenda fôra encomendada por uma associação que se intitula das Damas catequistas.

Não conhecemos o discurso, e não podemos, por isso, avaliar da valia literaria e moral do orador; mas tem-se dele uma impressão, ao saber-se que o prelado de Madrid proibiu o padre de pregar mais sermões, seja onde fôr, e as autoridades o processaram pelo delito de ofensas á moral publica.

Calcule-se o que teria dito o rev. Calazans, a proposito de indecencias, para se tornar legitimo tão duro procedimento.

Ao que informam os jornais espanhois, foram as proprias damas catequistas quem protestou contra a estranha catequese do pregador, indo fazer queixa á policia e ao bispo, indignadissimas com o que ouviram.

E' certo que, apreciado bem o caso, fica a constatação, um tanto ou quanto esquisita, de que as pundonorosas damas, apesar das indecencias do sermão o escutaram religiosamente, até ao fim, só depois percebendo que tinham sido pouco religiosas as afirmações do padre. Ms, emfim, peior seria, se, em vez de protestarem, tomssem por boa a doutrina, e ainda por cima pedissem bis.

AS VIAGENS AEREAS

UM VÔO

DE BERLIM A CHICAGO NUM AVIÃO CONSTRUIDO

NUMA FABRICA DA ALEMANHA

BERLIM, 5.

Diz-se que o zepellin construido para o governo americano estará terminado em breve. Será uma das maiores aeronaves até agora construidas. Utilizaram-se as experiencias colhidas com os vôos em dois conhecidos aparelhos de passageiros que fazem viagens atravez da Alemanha, tendo-se corregido os ligeiros defeitos do «Nordstern» e «Bodensee» na construção do novo aparelho cujo potencial de maquinas lhe dará um grande raio de acção.

A comissão americana enviada pelo governo dos Estados Unidos cooperou com os engenheiros alemães na revisão dos planos. Espera-se que a nova aeronave fique terminada no mês de abril. Em maio fará vôos de experiencia sobre os Alpes, em junho fará a sua viagem atravez do Atlantico. Os americanos desejam voar directamente de Berlim a Chicago.

Quando atravessarem o territorio francês arvorarão a bandeira dos Estados Unidos.—(R.)

A paz no Oriente

está nas mãos dos aliados?

CONSTANTINOPLA, 5

Kemal Pachá declarou na Assemblea Nacional que os turcos tinham ido para Lausanne com o firme proposito de fazer a paz. As potencias têm apenas que reconhecer a nossa independencia financeira, economica e judicial para manter a paz do mundo. A paz está nas mãos dos aliados. Os turcos esperam o resultado qualquer que ele seja das resoluções aliadas com calma e fortalesa de animo, sendo necessario que rapidamente se chegue a uma conclusão — (R.).

AGUA DO ALARDO

(Castelo Novo—Beira Baixa)

A mais pura agua de mesa, superior ás afamadas aguas de França de Evian, Thonou, La Chateline e Panticosa de Espanha. **A Unica Agua de Diurese** portuguesa. Analise do ilustre professor de quimica Charles Lepierre.

Excelentes resultados em tratamento de doenças de **Estomago, Figado, Gôta, Obesidade, Diabetes,** etc.

Vende-se em garrafões de 5 litros e garrafas de 1|4, 1|2 e 1 litro.

Aceitam-se revendedores em todas as localidades onde ainda os não haja.

Pedidos a Cais do Sodré, 53, 2.° — LISBOA

TELEFONE 18 — CENTRAL

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO

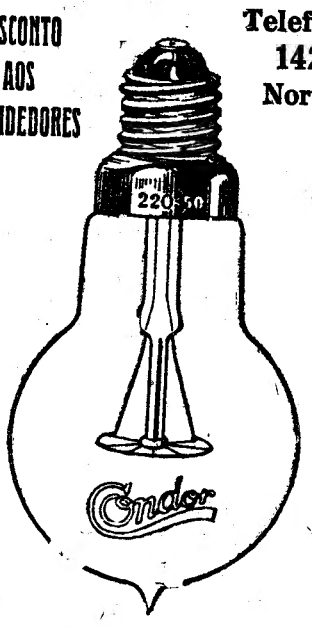
Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO, 74

Lampada Condor

DESCONTO AOS REVENDEDORES

Telefone 142 Norte



MATERIAL ELECTRICO

INSTALAÇÕES E REPARAÇÕES

Electro-Industrial e Comercial, L.da

R. Pretas, 49-3.° (esq. Avenida)

REPARAÇÕES ELECTRICAS

REPARADORA ELECTRO-MECANICA, LIMITADA

R. TRINDADE, 18-A, 26

TELEF.: N.-4432

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74. RUA DO CARMO. 74

Entero colite crónica — Seu tratamento ESTORIL-TERMAS

MAQUINAS DE ESCREVER

NOVAS e usadas. Reparações e reconstrucções garantidas. Accessorios. Quintino Ltd.a. Tel. N. 4225. CALÇADA DO DUQUE, 3, 1.° (Junto ao Rocio).

"VASPAEL"

GRANDE LICOR DE SOBREMEZA

DEPOSITO GERAL

70, 2.° — RUA AUGUSTA — 70, 2.°

TELEF. C. 1196

Gama

GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS para todas as

LOTERIAS

Fornece para revender

PREÇOS CORRENTES

— Pelo correio mais $20 para registo —

TELEFONE NORTE 4020

Pedidos a

F. SILVA GAMA

R. do Amparo, 51 — LISBOA

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

O 19 DE OUTUBRO

A acção

de Afonso de Macedo

no movimento outubrista

e o que disse o marinheiro Palmela

O marinheiro Palmela Arrebenta, afirmou que ao passar ao Rocio, com o malogrado Freitas da Silva, um paisano alto, forte, de chapeu preto «flamon» e capa de borracha, se lhe dirigiu, mostrando um cartão e lhe preguntou quem era o preso. Depois de lhe declarar a sua identidade, o referido civil exclamou: «Amarrem já ao chão esse malandro». E o individuo devia ser o sr. Afonso de Macedo.

Esta tarde procuramos este sr. na Exploração do Porto de Lisboa:

—Já sabe da acusação que lhe é feita pelo Palmela Arrebenta?

—Já. E' uma infamia que não posso deixar passar sem o meu mais veemente protesto. Todas as pessoas que comigo têm privado sabem que eu era incapaz duma vilania dessa natureza.

—Não passou no Rocio?

—Eu lhe conto: No dia 19, ás 20 horas, fui á Rotunda conferenciar com o coronel sr. Manuel Maria Coelho, a fim de lhe dar conta do resultado das «démarches» de que fôra encarregado junto do chefe do Estado. Quando ali cheguei, já o Quartel General, havia sido transferido para o quartel da G. N. R., no Carmo. Como não tivesse almoçado, aproveitei a ocasião para ir comer. A's 20 horas, passei no Rosio, onde estive durante alguns minutos a conversar com o meu amigo Antonio Maia, á porta da tabacaria Neves. Depois segui imediatamente para o Carmo. Quando eu entrava, saia o dr. Jacinto Simões, que me disse ir a casa de Cunha Leal, onde havia sido chamado telefonicamente pelo sr. Agatão Lança. Acompanhei-o para o Arsenal, em companhia de Carvalho Santos, Jacinto Simões e Agatão Lança.

—E qual foi a sua acção no Arsenal?

—Empregar todos os esforços para trazer para fóra o sr. Cunha Leal, que estava ferido. Outro tanto quiz fazer ao dr. Antonio Granjo, não me foi possivel, o que poderá ser comprovado por muitas pessoas.

—Para onde seguiu depois?

—Para o Carmo, onde comuniquei o que se havia passado, a fim de se tomarem as providencias que o caso requeria. Estive lá até perto das 2 horas. Depois segui em companhia do coronel sr. Manuel Maria Coelho, para o ministerio do Interior, onde me conservei até ao dia seguinte.

—A que atribue a acusação?

—A uma pessoa com quem estou de relações cortadas... A acusação desse marinheiro cai pela base. E' deveras curioso que ele não conheça, mas saiba o meu nome e que eu uso bigode rapado. Repare bem nisto. Quando depuzer hei-de exuberantemente provar no Tribunal, com cartas e testemunhas, a falsidade da acusação.

—Quem é essa pessoa que lhe quere mal?

—E' a mesma que disse a um comerciante meu amigo, no dia que eu fui intimado a depor perante o dr. Alexandrino, que eu ficava preso á ordem do mesmo senhor. Tudo se esclarecerá...

Linfatismo-Doenças de pele-Banhos cloretados
ESTORIL-TERMAS

A TARDE PARLAMENTAR

HOMEM CRISTO

CRITICA

os abusos e arbitrariedades cometidas na 3.ª circunscrição militar

A morte de Rui Barbosa

Feita a chamada pelo sr. Narciso de Matos, com vagares de quem saboreia uma *omelette au rhum*, verifica-se — mas guarda-se segredo — que não ha numero para abrir a sessão. Entretanto, trocam-se explicações entre o sr. Nunes Loureiro e a mesa. Ha protestos do centro e da direita. E emquanto os minutos decorrem em explicações, apartes e protestos, o *quorum* completa-se. O sr. Sá Cardoso declara aberta a sessão.

* * *

O sr. Homem Cristo dirige-se ao ministro da Guerra. Protesta contra «os abusos e arbitrariedades que se veem cometendo na 3.ª circunscrição do exercito». O general comandante da divisão, (o sr. Sousa Rosa) sem que contra ele haja procedimento disciplinar, usa e abusa, segundo o orador, das funções que o regulamento lhe confere.

Cita o caso de um tenente, vestido á paisana, que subia a rua 31 de janeiro (no Porto) acompanhado de duas senhoras da sua familia, quando se viu agarrado por um braço, com surpresa dele e escandalo de quem passava. Era um capitão, com quem tinha mantido até ali relações de amisade, que o admoestava por lhe não ter tirado o chapeu. O capitão deu parte do tenente. Por sua vez, o tenente queixou-se superiormente da maneira inconveniente como tinha sido tratado pelo capitão.

— Pois não fizeram caso da queixa do tenente, exclama o sr. Homem Cristo, e condenaram-o em 8 dias de prisão disciplinar! Ora esse tenente chama-se Alberto Joaquim Correia, tem 21 anos de serviço sem macula, com louvores em campanha, a Cruz de Guerra e outras distinções.

O sr. Homem Cristo exclama com energia:

—Mas ha mais, sr. ministro da Guerra: a esse oficial, além de andar transferido por varios regimentos, foi-lhe proíbido vir ao Porto, com o pretexto de que era o chefe de um movimento revolucionario. Morreu-lha a sogra e ele não pôde vêr a sogra doente e depois morta no caixão!

O sr. Homem Cristo, dizendo que outro oficial, o capitão Ramos, foi proíbido de entrar no quartel de cavalaria 9, refere-se ao caso de uma bailarina que fazia alta escola no picadeiro do regimento e um dia caíu do cavalo, partiu uma perna e foi transportada para o hospital numa maca do regimento e puxada por soldados.

Depois de citar outros exemplos que classificou de atentatorios do bom nome e da disciplina do exercito, o sr. Homem Cristo terminou por dizer:

—As transferencias do oficial a que me referi custaram ao Estado 1.200$00. Se considerarmos as outras transferencias que se dão constantemente por motivos identicos, vemos que custam ao Estado centenas de contos.

* * *

Responde agora o sr. ministro da Guerra. Quanto ao caso do tenente Correia diz que esse oficial foi castigado, reclamou e a reclamação não foi atendida; portanto, exgotaram-se as vias legais em que o assunto podia ser tratado.

* * *

Tem a palavra o sr. ministro do Comercio. Pede para que entre imediatamente em discussão o parecer n.º 321, que diz respeito aos Transportes Maritimos. A Camara autorisa, com dispensa de leitura, e com prejuiso mesmo, da ordem do dia, se preciso fôr.

Vai votar-se:

O sr. Francisco Cruz, porém, protesta, indignado:

— Lamento, sr. presidente, que coisas destas se façam. Faço parte da comissão respectiva; e, não obstante, nunca fui, sequer, convidado para assistir a qualquer reunião da mesma. Como aparece agora aqui este parecer de que eu proprio, não tive conhecimento?

O sr. Cancela de Abreu, a aproveitar o ensejo, lembra os escandalos dos T. M. E. e estranha que as sindicancias nunca cheguem a conclusão alguma.

—Nada se apura; nada se tem apurado; os culpados não foram, nem jámais irão, ocupar o logar que lhes pertence na cadeia. A burocracia da Republica tem embaraçado tudo, porventura de proposito para que os escandalos não se ponham a limpo.

O sr. Diniz da Fonseca, por seu turno, afirma a sua descrença nos procedimentos judiciais.

A Camara, presta depois, homenagem á memoria de Ruy Barbosa.

Uma frase de cada orador:

O sr. Viriato da Fonseca:

—Sol radiante, fulgente como uma estrela, homem grande e imenso como um Deus. Já não cabendo na sua Patria, irradiou o seu espirito pelo mundo fóra a dominar radiosamente nas outras patrias.

O sr. dr. Lino Neto:

—Foi o mais energico paladino das garantias fundamentais da liberdade humana.

O sr. dr. Morais de Carvalho:

—Alem disso, foi um cultor apaixonado e competentissimo da lingua portuguesa. E' de vêr o amor, o interesse, o quasi ciume com que ele defendeu sempre a nossa lingua dos contactos que pudessem ser-lhe perniciosos com as outras linguas.

O sr. dr. Almeida Ribeiro:

—Foi realmente um grande homem e um grande jurisconsulto. Foi um respeitador intransigente da lei e foi um amigo verdadeiro de Portugal.

—O sr. Afonso de Melo:

—Homenageando o pequeno grande homem que foi Ruy Barbosa, tenho a certeza de que entôo, embora com fraca voz, um hino de gloria á raça lusitana.

O sr. ministro dos Estrangeiros, a fechar, em nome do governo:

—Ruy Barbosa pode ser considerado o orador sublime e inegualavel da lingua portuguesa na actualidade. Pode ser considerado o jurisconsulto sublime e inegualavel que no nosso tempo melhor soube defender os direitos dos povos.

* * *

A seguir entrou-se na ordem dia; e foi como se uma tarde linda de sol se tivesse enevoado de subito; o ambiente claro de ha pouco tornado ameaça borrascosa de disputas.

* * *

Discutiu-se com a eloquencia pesada dos numeros, como competia, a proposta do sr. ministro das Finanças para a realização do emprestimo; e o sr. Barros Queiroz poz o seu criterio, com grande copia de citações em que ha cambios e libras cheque, e milhões, e ouro, e algarismos em barda:

—Sou partidario do lançamento de um emprestimo interno e até, se possivel fôsse, de um emprestimo externo. Entendi sempre que devia fazer-se face aos encargos da guerra recorrendo ao imposto e ao emprestimo. Mas o emprestimo, tal como o sr. ministro das Finanças pretende agora realizá-lo, é uma operação ruinosa que não pode ser consentida.

AS SUBSISTENCIAS

A obra

de Fontoura da Costa

ministro da Agricultura

O barateamento do custo de vida

Já o dissemos e voltamos a repeti-lo: o sr. ministro da Agricultura está empregando todos os seus esforços no sentido de pôr termo, ou, pelo menos, atenuar a nossa tremenda crise economica.

Procurámos falar-lhe esta tarde. O sr. dr. Fontoura da Costa, que tem sido duma extrema gentileza para o nosso jornal, estava em conferencia com o governador civil de Beja sobre um caso complicado de requisição de trigo. Fóra do seu gabinete alguns interessados no assunto esperavam.

Pela sua conversa apurámos o seguinte: Correu que em Beja não havia pão. O comissario dos abastecimentos requisitou um delegado da manutenção militar a fim de proceder á requisição do trigo necessario para abastecer o distrito. O delegado parte. E em logar de requisitar o trigo aos proprietarios que, á espera de grandes lucros, o estavam escondendo, parte para as diferentes estações de caminho de ferro desviando para Beja o trigo que seguia para localidades mais necessitadas. Isto, é claro, fóra da lei.

Introduzidos no gabinete do ministro, preguntamos:

—E' verdade v. ex.ª estar tratando de solucionar a nossa crise economica?

—E' verdade. A carestia da vida está-me preocupando muito.

—Constou que ia apresentar propostas ao Parlamento...

—Sim, mas por emquanto não posso dizer nada. Estão ainda em estudo.

—Quando tenciona apresentá-las?

—Muito breve.

—Tem esperança nos seus resultados praticos?

—Se não tivesse não os apresentava. E' preciso pôr cobro á ganância excessiva de alguns comerciantes. Ainda hoje foram enviados alguns, para o tribunal de lucros ilicitos, por estarem vendendo massas por preços fora da tabela.

E mais não disse o sr. dr. Fontoura da Costa que estava com pressa e tinha trabalhos urgentes á espera.

NA RUA PASCOAL DE MELO

DESABA UM PREDIO

Ha algumas vitimas

A' hora de fecharmos o nosso jornal, chega-nos a noticia de ter desabado, na rua Pascoal de Melo, a parte de traz do predio que tem as letras N. A., perto do Jardim Constantino.

O predio tinha sido construido ha um ano.

Ha a registar varias vitimas, entre elas uma criada.

Faculdade de Direito de Lisboa

Um autografo de Metternich

A' faculdade de Direito de Lisboa, e mercê do intermedio do professor da mesma Faculdade, o sr. dr. Barbosa de Magalhães, caba de ser oferecido, pelo ministro plenipotenciario de Portugal, em Berne, o sr. dr. Bartolomeu Ferreira, um precioso autografo de Metternich.

Trata-se, nada menos, de uma longa carta do celebre estadista austriaco, dirigida ao Marquez de Marialva, embaixdor de Portugal, em Paris, e contendo largas reflexões sobre a situação portuguesa depois dos acontecimentos politicos de 1823.